

QUERIDOS FORMANDOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE 1983-2:

Aproveito a oportunidade da vossa Aula da Saudade para fazer chegar até vós, através do nosso comum amigo, Professor José Willington Germano, a minha palavra de agradecimento ' por ter sido escolhido Patrono de vossa turma. Agradecimento a- acompanhado da renovada afeição que sempre dedico aos estudantes da nossa Universidade.

Agradeço, também, o vosso gesto significativo de me associar ao Professor José Fernandes Machado, que dá nome à vossa turma.

Este gesto, esta associação de nomes, demonstra bem como o vosso continente humano está claramente assinalado pe lo quem é quem no Rio Grande do Norte, no seu sofrido processo ' rumo à democracia e à escola que aspiramos e que ainda não temos.

Vós, Machado e eu, somos os viajantes de uma mesma caminhada - por isso nos conhecemos, nos damos as mãos, nos a mamos e acreditamos na construção do amanhã do "homem todo e de todos os homens", como disse uma vez Paulo VI.

No próximo dia 23 às 20 horas, nesse Campus, espi ritualmente, estarei convosco. O vosso gesto em receber a cola-ção de grau me lembrará um distante dezembro de 1955 quando, na venerável Faculdade de Direito do Recife, eu vivi momento idênti co.

O que me levou a associar os dois momentos foi a capa de vosso convite de formatura que tenho em mãos: a fotografia da extrema pobreza, a denuncia da miséria social que marca a face do nosso Nordeste.

Naquele dezembro de 1955, ao deixar a velha Casa de Tobias, eu assumi o compromisso de denunciar a miséria. E mais: desvelar-lhe as causas que são, como sabeis, ao nível in-terno, as estruturas de dominação de uma sociedade de classe, reforçadas, no Nordeste, pelas suas conhecidas oligarquias; e, ao nível externo, a dependência ao capitalismo internacional. Os es

tudos universitários do Recife dos anos 50 me deram o instrumental científico para me posicionar, no Rio Grande do Norte dos anos 60, ao lado da dignidade do homem expoliado em seu suor pela ganância do lucro de um capitalismo primário e selvagem; para me posicionar em defesa da soberania da nação quando, naquela época, ainda foi possível regulamentar a remessa de lucros para o exterior e recusar o ingresso do Brasil no FMI.

Hoje, nos anos 80, o vosso convite de formatura, com a foto da denuncia da miséria, grita, tão alto como nos anos 50, o clamor pela necessidade de uma transformação social profunda.

Vejo, assim, em vossas mãos, o compromisso que assumi em 1955 de não ser apenas expectador, mas, também, partícipe de um processo político, econômico, social e cultural de mudança. Isto significa, bem o sabeis, o compromisso democrático. Não com uma democracia meramente formal, mas com uma democracia sem adjetivações, que assegure a todos os meios e os bens da produção econômica; que assegure a todos os direitos à liberdade e à cidadania; que assegure à nação a soberania de seu processo histórico.

Entre o meu compromisso e o vosso já se vão quase 30 anos - fato que me leva a duas últimas reflexões.

Primeiro: que a minha geração caminhou muito pouco na sua estrada.

Segundo: que, apesar das derrotas que sofremos conseguimos transferir para vossas mãos a rebeldia, a desobediência civil, a não-conformação diante da injustiça - e isso está escrito, através, da imagem da fotografia, em vosso convite de formatura.

Assim, fica o registro de uma avaliação. Também o consolo de que a luta continua - continua no meu velho mas não cansado coração; continua nas vossas mãos jovens que construirão concretamente o futuro melhor - o futuro que já definimos juntos, em nosso sonho de hoje.

Meu prezados formandos:

É possível que tenha me apropriado da vossa Aula

da Saudade para fazer a minha Aula da Saudade. Não me desculpo por isso. Entre a minha Aula e a vossa há um processo histórico' que precisa ser entendido, internalizado em cada inteligência e interpretado e explicitado por vós, que sois os cientistas sociais.

Ao construir esta ponte, aqui, convosco, eu sigo a lição de Lucien Febvre quando ensina:

" Fazer História sim, na medida em que a História é capaz, e a única capaz, de nos permitir em um mundo em estado de instabilidade definitiva, vi ver com outros reflexos além do mêdo".

No fundo, isso era o que eu queria vos dizer: mesmo convivendo com o mêdo há que superá-lo pela coragem e pela esperança.

Com os vossos diplomas de bacharéis e licenciados' dareis, no próximo dia 23, um salto para a profissão de cientistas sociais num país em recessão econômica, onde predomina o desemprego e a inflação e onde as liberdades públicas e os direitos de cidadania ainda não são, plenamente, respeitados. Então o mêdo se justifica.

Mas, se o vosso posicionamento for aquele do poeta que diz que tem "a História na mão"; se o vosso sentimento de solidariedade for maior que o natural egoísmo; se a vossa competência técnica for suficiente para a análise correta do social ; se o vosso compromisso com a democracia for capaz do testemunho' político até às últimas consequências - então, a convivência com o mêdo será possível e plenamente, operacionalizável.

E porque sei que este será o vosso caminho, aqui fica uma proposta: daqui a 30 anos voltaremos a nos reunir com os cientistas sociais da UFRN do ano 2.010 e, juntos, várias gerações farão as suas Aulas da Saudade para avaliar o caminho que foi escolhido pelo homem nordestino para ser sujeito de sua própria História.

Finalmente, cumprimento o vosso Paraninfo, o ilustri Professor Lucio Texeira dos Santos e desejo-vos toda a felicidade pessoal e todo o êxito profissional.

MUITO OBRIGADO.